

5. Repercussão e futuro da LFSE no Brasil

Apesar da implantação da legenda fechada para surdos e ensurdecidos no Brasil ainda estar em andamento e de todas as questões já mencionadas acima serem objeto de debate, algumas repercussões já podem ser notadas. A primeira é que a aceitação da LFSE dentro da sociedade como um todo tem aumentado cada vez mais, fazendo com que o recurso seja usado de maneira abrangente por toda a população e não apenas a surda.

É impressionante como todo mundo fica encantado. Por exemplo, eu fui ao Detran há algum tempo, uns dois anos atrás. Era uma sala enorme, com uma televisão grande e muito barulho de conversa. Como era o horário do jornal, pedi para acionarem a legenda, como vinha fazendo há algum tempo. [...] Quando a legenda apareceu, o [...] [responsável] ficou maravilhado. “Como a senhora fez isso?” [...] Ele ficou felicíssimo, achando que eu tinha conseguido fazer aquilo. [...] Agora eu vejo que já não preciso pedir. Se for para Fortaleza e jantar em um restaurante, quando a novela começar, a legenda vai aparecer. [...] Tenho vários relatos de pessoas ensurdecidas, com dificuldade de audição que dizem que não deixam mais de ver televisão com as legendas, de amigos meus que não deixam de ver filmes no quarto quando estão com a mulher ou a namorada porque veem com a legenda. Várias situações assim. O LFSE é mesmo uma ideia genial. (Dale, 2009, s/p)

Além dessa maior aceitação e do cada vez maior número de programas televisivos e DVDs legendados, parece que a sociedade começa a deixar de lado uma noção do surdo como apenas um “deficiente”, e passa a vê-lo como cidadão com direitos e como consumidor. Por exemplo, em 4 de julho de 2008, a Associação de Reabilitação e Pesquisa Fonoaudiológica (Arpef) lançou uma campanha em parceria com a Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) para incentivar o uso da LFSE nos comerciais transmitidos pelas televisões brasileiras e, imediatamente, um número bastante expressivo de empresas aderiu ao movimento. Hoje, empresas de grande porte como o Banco do Brasil, a Petrobras e a Fundação Roberto Marinho já disponibilizam propagandas com o recurso da legenda fechada (Dale, 2009, s/p).

Somada à presença cada vez mais maciça na televisão, alguns sites na internet também já estão disponibilizando o recurso em seus vídeos. O *YouTube*, por exemplo, já permite que os usuários criem legendas em formato fechado em qualquer um dos 36 idiomas disponíveis na ferramenta *Google Translate*, de tradução automática. A tradução é feita em tempo real, enquanto o vídeo é reproduzido. “A tradução automática não é perfeita, mas esperamos que isso ajude os criadores a oferecerem uma melhor compreensão de seus vídeos”,

disse a equipe do *YouTube* no blog oficial (G1, 2008, s/p).

No entanto, talvez o melhor dos resultados não seja a maior aceitação e o desenvolvimento mais rápido da tecnologia, mas a inclusão dos surdos. Nas diversas pesquisas feitas por instituições representativas da comunidade surda, a maioria dos surdos diz se sentir mais incluída na sociedade, mesmo que apenas por poder comentar sobre o último capítulo da novela. É como afirma a jornalista Piedra Magnani no documentário “Invisíveis pelo Silêncio”, produzido pela Universidade Estácio de Sá de Belo Horizonte:

Todo mundo tem direito a entretenimento no cotidiano. Todo mundo tem direito a saber da vida do ator, [...] a se sentar no bar e conversar sobre essa cultura da mídia que já se tornou realidade. [...] Ela também compõe o imaginário, o tipo de informação que faz com que a gente seja uma nação unificada, que pode conversar entre si. (*In Baesse, 2009, s/p*)

Além disso, algumas pesquisas realizadas no Canadá e nos Estados Unidos mostram que a LFSE vem melhorando a capacidade de leitura do público surdo e ensurdecido, que normalmente tem maior dificuldade nesse tipo de aprendizado. Por causa da combinação entre a imagem e as legendas, estudantes surdos “puderam melhorar seu nível de letramento através da exposição ao vocabulário e à sintaxe [da língua]” (Lewis & Jackson, 2001, p.51). Helena Dale afirma que essa, inclusive, foi uma das razões pelas quais a Associação de Reabilitação e Pesquisa Fonoaudiológica (Arpef) começou a campanha pela implantação da LFSE no Brasil.

Ouvi o depoimento de uma presidente de uma associação de surdos americana que disse que, em dez anos, a legenda na televisão fez mais pela educação do surdo que todas as propostas até então. O surdo estava aprendendo a ler [...] [p]or conta do oferecimento da língua escrita na televisão. [...] Desde que me conheço por fonoaudióloga existe no Brasil] uma discussão sobre o melhor método de alfabetização do surdo. Ainda não chegamos a uma conclusão e acho que estamos longe disso. Mas, enquanto se discute qual é o melhor método para alfabetizar surdos, nós entramos com a legenda na televisão. Com isso, a longo prazo, a gente garante que o surdo vá se familiarizando com aquela “coisa” e, aos poucos, a gente obtém – como já obteve – relatos de surdos que começaram a ler jornais e livros depois de cinco anos lendo legendas. [...] É um estímulo diário. (Dale, 2009, s/p)

Em palestra no *I Painel sobre closed caption no Brasil*, que aconteceu no dia 10 de dezembro de 2001 na PUC-Rio, Romeu Paris Filho, diretor operacional do SBT na época, lembrou que esse recurso poderia inclusive ser utilizado na alfabetização de ouvintes, já que a associação entre imagem e texto facilitaria a compreensão.

Nos países onde o *closed caption* foi adotado, escolas especiais se utilizam

desse método para complementar o aprendizado. [No Brasil, s]ão aproximadamente 28 milhões de pessoas somando-se os surdos, aqueles da terceira idade, os analfabetos ou em alfabetização. Um público de aproximadamente 28 milhões de pessoas no país.

Só para a gente ter uma ideia da dimensão desse contingente, vamos imaginar que esse número representa a soma da população do Uruguai, do Paraguai, do Chile, do Equador e da Bolívia, juntos. Essas pessoas querem saber sobre o que acontece no mundo. Essa população gigantesca gosta de novelas, de telejornais. Essas pessoas assistem a filmes e comerciais de TV. Na verdade, essas pessoas, como nós, querem consumir. Não há porque excluí-las senão há o preconceito, senão há falta de atenção para o tema. (2001, p.13)

Essa falta de atenção para o tema é algo do qual Helena Dale ainda reclama.

Ainda não é perfeito. Às vezes falo com uma pessoa que acho que sabe [sobre a LFSE], mas percebo que não. Que muita gente ainda não sabe o que é. Talvez a comunidade surda já esteja bem consciente – porque, antes, nem ela sabia. Mas, na sociedade em geral, ainda tem muita gente que não sabe. (Dale, 2009, s/p)

Magnani concorda com Dale: “Enquanto essa situação ficar no campo da invisibilidade – e ainda está – fica muito difícil para o profissional e para o público entenderem a situação (Baesse, 2009, s/p). Também em depoimento para o documentário “Invisíveis pelo Silêncio”, a pedagoga Carla Tatiana do Amaral concorda com as duas: “O movimento surdo tem que aparecer para colocar suas necessidades. Para dizer que não basta ter [legendas] em um só jornal, que dura trinta minutos do dia” (Ibid.).

Somado à luta por uma maior visibilidade, outra briga que terá que ser comprada pelos deficientes e suas instituições representativas será a da qualidade. Apesar da instituição de normas rígidas, como vimos, algumas produtoras que produzem a LFSE *on-line* ainda não utilizam o padrão pelas regras da ABNT, nem mesmo para programas de órgãos públicos, que são obrigados por lei a legendar todas as suas transmissões. Além disso, algumas retransmissoras de canais a cabo não reproduzem corretamente as legendas fechadas produzidas pelas emissoras de TV abertas. “O tempo de leitura não é respeitado, há cortes de fase sem o menor critério... Enfim, está faltando agora buscar mais qualidade, garantir a qualidade”, diz Helena Dale (2009, s/p).

No entanto, as perspectivas são mais positivas que negativas. Piedra Magnani lembra que as novas tecnologias tenderão a ajudar na melhora dessa qualidade: “O que a TV digital promete é que [as emissoras] não vão mais poder ficar adiando, dizendo que a tecnologia não permite o uso de legendas fechadas. A barreira tecnológica vai desaparecer e aí vamos ver se há vontade política

para fazer essas coisas mudarem vai ficar aparente” (*In* Baesse, 2009, s/p).

Para o campo da tradução, a expansão desse tipo de legenda também tende a ser benéfica. Além de garantir um número maior de vagas para os profissionais responsáveis pela sua elaboração, é provável que a maior utilização do recurso também aumente a valorização dos legendistas de LFSE e o investimento na formação desses profissionais. Da mesma forma, a ampliação do uso da tecnologia alargará o campo dos Estudos da Tradução e incentivará os pesquisadores a discutir e debater as diversas questões do campo.